



A LÍRICA DE FLORBELA ESPANCA EM A MENSAGEIRA DAS VIOLETAS¹

THE LYRICISM OF FLORBELA ESPANCA IN *THE MESSENGER OF VIOLETS*

Max Mateus Moura da Silva

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI)

*Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... A dolorida... (Florbela Espanca)*

Resumo: O presente trabalho intenciona discutir a produção poética de Florbela Espanca, com base na obra *A mensageira das Violetas*. Espanca firma-se como um dos mais proeminentes nomes femininos da Literatura Portuguesa de todos os tempos. Expressa em um lirismo embricado à própria vida, a produção flobeliana constrói-se em espaços de significação alicerçados em um discurso, sobretudo, de primeira pessoa que se reitera constantemente. Assim sendo, neste artigo, aborda-se a construção do EU poético desnudado na obra em questão. Tem-se como objetivo delinear a construção subjetiva evidenciada nos poemas de Florbela Espanca. De modo a conferir suporte teórico, buscou-se alicerce nos estudos de Dal Farra (2002), Noronha (2001), Moisés (2008), Soares (2012) entre outros. Cumpre dizer que a análise proposta se baseia nos eixos do amor servil, sofrimento amoroso e a representação sensual do amor, temáticas constantes nos poemas.

101

Palavras-chave: Amor. Subjetividade. Florbela Espanca.

Abstract: This paper aims to discuss the poetic production of Florbela Espanca, based on the work *A mensageira das Violetas*. Espanca establishes herself as one of the most prominent female figures in Portuguese literature of all time. Expressed through a lyricism intertwined with her own life, Florbela's work is constructed within spaces of meaning grounded in a predominantly first-person discourse that is constantly reiterated. Thus, this article addresses the construction of the poetic self revealed in the referenced work. The objective is to outline the subjective construction evident in Florbela Espanca's poems. To provide theoretical support, the study draws on the works of Dal Farra (2002), Noronha (2001), Moisés (2008), Soares (2012), among

¹ Artigo produzido a partir da disciplina Literatura Portuguesa: do Simbolismo às Tendências Contemporâneas, cursada na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.



others. It is worth noting that the proposed analysis is based on the themes of servile love, romantic suffering, and the sensual representation of love—recurring motifs in her poetry.

Keywords: Love. Subjectivity. Florbela Espanca.

Introdução

Eu sou a que no mundo anda perdida, / Eu sou a que na vida não tem norte, / Sou a irmã do Sonho, e desta sorte/ Sou a crucificada... A dolorida.... (ESPANCA *apud* MOISÉS, 1980, p. 470). Assim se enuncia Florbela Espanca no poema intitulado *Eu*². Considerada por muitos teóricos um dos principais nomes de todos os tempos da Literatura Portuguesa, a autora tem sua vida entremeada com a produção poética, de modo que difícil é, com exatidão, dizer onde uma ou a outra começa e finda. Como fica patente no quarteto do soneto ora apresentado, sua poesia denota a sensibilidade de seu feitio, em uma exaltação de sentimentos (MOISÉS, 2008).

102

Filha ilegítima de Antónia da Conceição Lobo e do republicano João Maria Espanca, nasceu no dia 8 de dezembro de 1894, em Vila Viçosa, Alentejo. Florbela D'Alma da Conceição Espanca teve como nota tônica de sua vida o sofrimento. Acumulado ao fato de nunca ter sido reconhecida em cartório pelo pai enquanto estava viva, irrompeu em relações amorosas findadas de maneira veloz. Casada por três vezes, Espanca sofreu repetidos aborridos espontâneos. Na sua trilha de dor, pontua-se, ainda, a precoce morte do irmão Apeles, tido como alma par sua, a quem dedicava os mais profundos e sinceros afetos (NORONHA, 2001).

A esse respeito, Dal Farra (2002, p.16) pontua:

Florbela foi sozinha, porque talvez lhe não surgiu alguém que a conhecesse e amparasse, porque, especialmente, os seus nervos, o seu orgulho, a sua volubilidade, a louca esperança de encontrar, neste mundo, a pátria da felicidade, a iam fazendo, tristemente, cada vez mais, intolerável aos outros e a si mesma.

² Este trata-se do único poema de Florbela Espanca não presente na coletânea *A mensageira das violetas*. Por conta disso, nos demais textos, optaremos por mencionar somente os títulos dos poemas de onde foram extraídos os excertos.



Se por um lado é ingênuo pensar que a literatura e o EU literário é o retrato fidedigno do autor, por outro, é incoerente supor que a obra nada tenha que ver com a vida de seu produtor. Como bem pontuou Castello (2007, p. 27), ao literato é fundamental “sujar-se na inconstância da vida, fazer da escrita instrumento de escavação real, não perder de vista o vínculo difícil que une a literatura ao mundo”. Sobretudo quando se fala na profícua produção de Florbela Espanca, é notório um lirismo em primeira pessoa, levado às últimas instâncias, aspetos a serem trabalhados mais detidamente no próximo tópico.

A despeito do cenário revoltado em que Portugal se encontrava no período de sua produção, como os levantes antimonárquicos e ditaduras, Florbela coloca em plano secundário as questões sociais e lança-se ao seu interior, em um afã que construiria a principal marca do seu fazer poético. Em consequência disso, tem-se dito ser inviável categorizar a poetisa em qualquer escola literária, posto que se situa apartada das discussões do Modernismo. Como exemplo, pode-se citar os trabalhos de Dal Farra³.

103

Indo à frente do seu tempo, Florbela Espanca⁴ galgou espaço no meio acadêmicos e completou o 11º ano do Curso Complementar de Letras, além de, posteriormente, ingressar na faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, abandonando o curso após alguns anos. De modo a manter-se, passa a contribuir com alguns jornais do meio em que vivia e, no ínterim, expunha seus poemas. Em vida, lançou somente as obras *Livro de Mágoas* (1919) e *Livro de Sórora Saudade* (1923), tendo deixado *Charneca em Flor* (1931) no prelo, prestes a ser lançado. Cabe dizer que, além dos poemas, sua obra dá conta de crônicas e produção epistolográfica, sendo a última resultado de correspondências trocadas com pessoas próximas.

³ Para mais informações, consultar: DAL FARRA, Maria Lúcia. **Florbela Espanca**. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

⁴ As informações de teor biográfico aqui apresentadas foram extraídas, sobretudo, da obra de Dal Farra (1995), conforme apontado nas referências.



Sobre sua morte também residem insidiosas dúvidas. Contudo, prevalece a narrativa de que cometeu suicídio ao ingerir barbitúricos em demasia. Falece, então, em 8 de dezembro de 1930, data do 36º aniversário.

Contornos plurais permeiam suas produções. No que se refere ao vanguardismo da poetisa, é necessário apontar o fato de dar voz à mulher enquanto sujeito capaz de construir um discurso amoroso, principalmente no teor mais sensual e carnal, o qual ainda era (é) visto como vedado à autoria feminina. Assim sendo, parte-se, então, para a análise de alguns tópicos abarcados na obra *A mensageira das Violetas*.

O retrato subjetivo da lírica de Florbela Espanca em *A mensageira das Violetas*

Segundo Soares (2012, p. 103) “Florbela teve a ousadia de mostrar-se como mulher que conclama o direito de sentir e dar prazer”. Em grande medida, nisto subjaz o mérito maior da poetisa portuguesa. Por conseguinte, frequentemente, a autora se desnuda na obra, pondo-se como EU, isto é, seu discurso tende a ser formulado em primeira pessoa. Do mesmo modo, o EU poético se constrói em relação a um TU, que demonstra respostas adversas, ora rejeitando, ora retribuindo o amor. É nesse sentido que Bakhtin (2011, p. 9) afirma: “o outro indivíduo está fora e diante de mim não só externa, mas também internamente”.

No que se refere a representação do sofrimento amoroso, pode se tomar como exemplo os excertos: “Os amarelos riem amarguras,/ Os roxos dizem prantos e torturas” (Crisântemos, Florbela ESPANCA). No mencionado fragmento, verifica-se que a poetisa estabelece metáforas entre as cores dos crisântemos e representações sentimentais. Assim, ao mirar as diferentes cores das flores, pode-se ver o sofrimento do eu lírico representado. Tal sofrimento encontra justificativa ao término do poema, onde é dito: “Eu amo os crisântemos misteriosos /Por serem lindos, tristes e mimosos,/

104



Por ser a flor de que tu gostas mais!” Em certo sentido, os crisântemos trazem a visão da pessoa amada, o TU, visto ser essa sua flor preferida.

A poesia de Flobela Espanca fornece um apanágio à dor, visto que, em distintas ocasiões, esta é representada como se fosse um ser vivo independente, o que pode querer sugerir a profundidade do sofrimento do eu lírico. A esse respeito, pode ser citado o poema *Hospital*.

No Hospital
À Théa

Na vasta enfermaria ela repousa
Tão branca como a orla do lençol
Gorjeia a sua voz ternos perfumes
Como no bosque à noite o rouxinol.

É delicada e triste. O seu corpiño
Tem o perfume casto da verbena.
Não são mais brancas as magnólias brancas
Que a sua boca tão branca e pequena.

Ouço dizer: - Seu rosto faz sonhar!
Serão pétalas de rosa ou de luar?
Talvez a neve que chorou o inverno...

Mas vendo-a assim tão branca, penso eu:
É um astro cansado, que do céu
Veio repousar nas trevas dum inferno!

105

Soares (2012, p. 103,104) estabelece o questionamento: “quem é a Florbela que se revela em sua poesia?”. Embora simples o questionamento, sua resposta parece não tão óbvia, visto que a lírica flobeliana, em essência, é plural. Espanca expõe-se com múltiplas faces. Seu lirismo vai do seu ao inferno, como visto no poema anterior, no desígnio de aplacar sua dor. Desde o título se pode imaginar a temática, posto que o termo hospital direciona um local onde pessoas doentes são tratadas. Esse raciocínio possibilita interpretar que, assim como o hospital confere suporte aos enfermos, a poesia serve como forma de a autora sublimar seus desgostos.

Nos dizeres de Silva (2015, p. 10)



acima de qualquer coisa Florbela é uma mulher a procura de referências de vida, de sentir, de ser. Que tenta na palavra alento para uma tristeza que perpassa a realidade e mergulha numa busca sem fim por algo que seja capaz de completá-la, e completá-la de um modo que nada, nem ninguém no mundo real havia sido capaz de fazê-lo.

A antítese céu-inferno põe em paralelo a vida ulterior (momento que precede o sofrimento, o que equivale ao céu) e o viver presente (onde a existência se torna amarga, equivalente ao inferno). Moisés (2008, p. 356) elucida:

Sua poesia, mais reveladora do seu talento do que os seus contos, produto de uma sensibilidade exacerbada por fortes impulsos eróticos, corresponde a um verdadeiro diário íntimo, no qual extravasa as lutas que travam dentro dela tendências e sentimentos opostos. Trata-se duma poesia-confissão (...) duma mulher superior pelos dotes naturais, fadada a uma espécie de donjuanismo feminino.

Ao passo que o EU poético confessa seus ímpetos amorosos, também apresenta o amor servil, que se submete ao jugo imposto pelo afeto ofertado ao outro. No poema *Anseios* é verificável a busca pela liberdade de quando não se amava, conforme a autora sugere no trecho “não amais/ A doce quietação da soledade?”. Ler os poemas de Florbela Espanca implica em propor uma incursão em busca da *persona* da autora.

106

Anseios
À minha Júlia

Meu doido coração aonde vais,
No teu imenso anseio de liberdade?
Toma cautela com a realidade;
Meu pobre coração olha cais!

Deixa-te estar quietinho! Não amais
A doce quietação da soledade?
Tuas lindas quimeras irreais
Não valem o prazer duma saudade!

Tu chamas ao meu seio, negra prisão!...
Ai, vê lá bem, ó doido coração,
Não te deslumbre o brilho do luar!



Não ´stendas tuas asas para o longe...
Deixa-te estar quietinho, triste monge,
Na paz da tua cela, a soluçar!...

Doutro modo, se a solidão é símbolo de liberdade, a servidão do amor é comparada a uma prisão. O referido poema, antes de tudo, representa o monólogo interno, no qual o EU poético busca analisar os prós e contras do enlace amoroso. Ao fazer isso, a autora se contrapõe ao papel passivo legado a mulher, construindo uma fala a respeito de seus enlevos de amor. A cada poema, novas porções de Florbela se tornam conhecidas (SOARES, 2012) .

Outro aspecto pertinente de ser destacado na obra é a representação sensual/erótica do amor presente na obra *A mensageira das violetas*. Para Silva (2015, p. 19) “o erotismo [...] ganhou corpo em sua produção literária, transgredindo os modelos poéticos femininos: a vontade da alma em se libertar é canalizada para o corpo e representada pelo desejo carnal”. É neste anseio que a poetisa faz ouvir sua voz, proferindo os anseios internos. Sua preocupação primeira foi desnudar-se em seus versos, de modo a aplacar seus instintos contraditórios.

107

Além do mais, a obra florbiana, como poucas, impulsionou e proporcionou a mulher direito à fala em temas que, tradicionalmente, são vedados ao público feminino. Como exemplo disso, pode-se citar os trechos: “Bocas unidas, hemos de bebê-la!/[...]O mundo, amor! ... As nossas bocas juntas!...” (Nosso mundo, Florbela ESPANCA). Nota-se a exaltação do contato físico realizado no beijo. É válido pontuar que o reiterado uso de reticências pode apontar uma ação contínua, ou seja, o EU lírico preconiza um contínuo ato de beijar o amado. Embora, na poesia contemporânea, esta temática pareça cotidiana, cabe ressaltar o contexto no qual Florbela constrói seus versos.

Menções desse tipo são frequentes nos poemas. “Morder como quem beija!” (Ser poeta, Florbela ESPANCA); “E a minha boca sobre a tua boca!” (Eu, Florbela ESPANCA); “braços pra prender,/ E a boca fez-se sangue pra beijar!/ A chama, sempre rubra, ao alto a arder!...”(Exaltação, Florbela ESPANCA). Contudo, a mais



evidente representação do amor sensual presente no *corpus* de análise é vista no poema volúpia, transcrito a seguir.

Volúpia

No divino impudor da mocidade,
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,
Num frêmito vibrante de ansiedade,
Dou-te meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...
A nuvem que arrastou o vento norte...
- Meu corpo! Trago nele um vinho forte:
Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dalias vermelhas no regaço...
São os dedos do sol quando te abraço,
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos
Vão-te envolvendo em círculos dantescos
Felinamente, em voluptuosas danças...

108

No poema, a autora se mostra como mulher que sente e deseja. Florbela, desse modo, marcha à frente de seu tempo ao abordar, com ousadia e naturalidade, temáticas consideradas como tabus para a produção feminina de sua época. Seu lirismo, mais que tudo, constrói a imagem de uma poetisa sentimental, saudosista e atada ao amor e suas implicações.

Considerações finais

Neste artigo, abordou-se a lírica de Florbela Espanca evidenciada na obra *A mensageira das Violetas*. Verificou-se que o amor e sentimentos a ele vinculados são recorrentes no fazer poético da autora portuguesa. Frente a isso, nota-se que a obra denota uma construção subjetiva do mais alto quilate, conferindo ao texto um EU construído na relação dialógica com o outro. Partindo da temática central do amor,



foram trabalhadas outras relações suscitadas por esse sentimento, com base no *corpus* em questão.

A partir da temática central do amor, emergiram no *corpus* analisado outras relações, como o sofrimento amoroso, a entrega submissa e a sensualidade, que juntas compõem uma tessitura emocional rica e multifacetada. Tais aspectos evidenciam não apenas a complexidade dos sentimentos expressos, mas também a habilidade da autora em dar voz a inquietações femininas profundas em uma época marcada por limitações sociais à expressão literária da mulher. Florbela, nesse sentido, não apenas escreve poesia: ela se inscreve na literatura como voz resistente, ousada e inovadora, abrindo caminho para novas formas de expressão lírica feminina.

A superação dos limites impostos à produção literária feminina por meio de uma poética singular, marcada pelo lirismo intenso e pela sofisticação formal, confirma Espanca como uma das figuras mais relevantes da Literatura Portuguesa. Sua obra transcende as fronteiras históricas e culturais, permanecendo atual e provocativa em sua sensibilidade e coragem estética.

Florbela Espanca transpôs barreiras que cerceavam a produção literária feminina, firmando-se como um nome fundamental na Literatura Portuguesa. Por isso, é pertinente dizer que é preciso que se desenvolvam outros trabalhos sobre suas produções. Do mesmo modo, o estudo aqui realizado não esgota as possibilidades de análise da obra, posto que propugnou observar aspetos específicos, de sorte que permanece sendo fundamental a efetivação de outras leituras. Com um lirismo que perpassa a própria vida e é também reflexo dela, a produção florbeliana alcança o posto de uma das mais proeminentes já realizadas em língua portuguesa.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 6ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CASTELLO, José. **A literatura na poltrona**. Rio de Janeiro: Record, 2007.



DAL FARRA, Maria Lúcia (Org.). **Afinado desconcerto (contos, cartas, diário)**. São Paulo, 2002.

ESPANCA, Florbela. **A mensageira das violetas**: antologia. Seleção e edição de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1999.

MOISÉS, Massud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 9ª edição. São Paulo: Cultrix, 1980.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 5º ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

NORONHA, Luzia Machado Ribeiro de. **Entre retratos de Florbela Espanca**: uma leitura biografemática. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

SILVA, Elen Karla Sousa da. A representação feminina na obra poética de Florbela Espanca. **Linguagem, educação e memória**. Campo Grande, MS, v. 8, n. 1, p. 1-24, jun. de 2015.

SOARES, Marly Catarina. Florbela Espanca: seus desejos, seus temores, seu passado, seu presente. **Signótica**, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 103-117, jan./jun. 2012.